

Com o coração no ouvido

Parafraseando a primeira carta de São João, dizemos:

O que ouvimos, o que os nossos olhos viram e o que as nossas mãos tocaram, a palavra fez solidariedade global, esta é a nossa mensagem.

Sentimo-nos honradas e emocionadas por termos sido convidadas a participar nestes dias da assembleia da UISG que, em continuidade com o passado, está a marcar criativamente o presente e a motivar apaixonadamente a visão para o futuro da vida religiosa, partindo da sua vulnerabilidade em sinodalidade com a Igreja universal.

Um gesto simples e significativo de braços abertos fez-nos ouvir a música do desejo de nos encontrarmos, de nos conhecermos, de nos acolhermos uns aos outros para além das diferentes línguas e dos desafios da comunicação.

Os nossos ouvidos regozijaram-se ao ouvir a intensidade dos aplausos com que expressámos a nossa profunda gratidão pelo serviço da UISG; levantamo-nos como um sinal de reconhecimento. Pronunciámos a palavra OBRIGADA repetidamente. Obrigada: sentimo-nos acompanhadas, crescemos como pessoas e como líderes, alargando os nossos horizontes. Sentimo-nos em casa.

Ouvimos a voz do silêncio durante as apresentações, em reflexões pessoais e em oração. Ouvimos a intensidade e a paixão do que foi expresso e partilhado na dinâmica sinodal das nossas histórias, da nossa realidade, dos nossos pensamentos e sentimentos... Como disse o Papa Francisco: criámos uma cultura de encontro.

Ao longo destes dias, foi construído um mosaico de significados em torno das palavras sinodalidade, vulnerabilidade e vida religiosa, levando-nos a oferecer a seguinte reflexão:

- A nossa vulnerabilidade é profética. Precisamos de a abraçar como uma força para nos abrir ao Evangelho ousado e criativo, vivendo ao serviço da humanidade vulnerável, confiando na graça que encontramos no vazio. Isto é Parresia.
- Estamos num processo de transformação. Desejamos viver a comunhão em autenticidade e reciprocidade integral na nossa vida e missão, seguindo Cristo que se atreveu a ser vulnerável. Fomos escolhidas como líderes com a nossa fragilidade, bem como com a nossa competência e autoridade.

- Caminhando juntas em sinodalidade, apropriamo-nos da história, da qual não existe uma versão única, em processos de inclusão, com diversidade de perspectivas, contextos e culturas. Isto precisa de ser vivido ao nível da liderança e também ao nível das comunidades locais e da Igreja.
- Queremos caminhar como pessoas e comunidades de hospitalidade, dando tempo e espaço para ouvir, sabendo quando falar e quando calar, criando e vivendo na vida diária a espiritualidade da sabedoria.
- Como mulheres na Igreja, desejamos viver a nossa vocação como uma presença transformadora, dando testemunho de paciência, mas também de persistência e resistência. O Mistério Pascal lembra-nos que através da resposta não violenta de Jesus, Deus age de forma surpreendente para construir a paz no nosso mundo.

Estes dias convidaram-nos a:

- Um novo estilo e processo de liderança que exerce autoridade ouvindo, especialmente, os sem voz dentro e fora das nossas comunidades;
- Um reconhecimento da realidade do abuso de poder. Pedimos perdão e encorajamos o diálogo restaurativo entre as pessoas feridas. Reconhecemos a força e a vulnerabilidade encontradas na reconciliação;
- Um desejo de caminhar juntas como uma comunidade de pertença, com todo o povo de Deus, igual em dignidade e diverso em vocação, num mundo e num planeta sedento de justiça e paz na esperança de Cristo Ressuscitado;
- Ser testemunhas de uma vida religiosa fresca e alegre que se transforma e transforma.

Comprometo-me a viver uma sinodalidade vulnerável através do serviço como líder, animando-a dentro da comunidade juntamente com o povo de Deus.

Ir. Lia Latela, RMI, Conselheira Geral dos Religiosos de Maria Imaculada - Missionárias Claretianas

Ir. Maria Cimperman, RSCJ, Professora Associada de Ética Teológica na União Teológica Católica em Chicago

Ir. Gemma Simmonds, CJ, Investigadora Sénior do Instituto de Teologia Margaret Beaufort em Cambridge